

Mensagem da Conferência Geral na Sessão de S. Francisco

Prezados Irmãos de todo o Mundo:

DESTA 49.ª Assembleia da Conferência Geral, reunida em São Francisco, vos dirigimos, a todos e a cada um de vós, as nossas cordiais saudações.

Onde quer que vos encontreis, ou nas grandes metrópoles, como Tóquio, Calcutá, Londres ou Nova Iorque, ou nos mais recônditos locais da selva africana, ou ainda nos píncaros do Himalaia, ou em qualquer das ilhas longínquas do Pacífico — a todos queremos manifestar que vos enviamos os nossos pensamentos de afecto cristão, assim como as nossas orações, no veemente desejo de compartilharmos convosco das bênçãos desta grande Assembleia do povo de Deus a que tivemos o singular privilégio de assistir.

Não tínhamos possibilidade de nos esquecermos de vós, prezados Irmãos de todo o Mundo, porque ainda há bem poucos momentos, um milhão de lâmpadas rebrilharam no mapa-múndi que se erguia por cima da tribuna na grade salão das conferências. Cada uma daquelas lâmpadas localizava alguma das nossas igrejas ou missões ou instituições, e por isso, mediante aquela viva luz sabíamos que cada um de vós ali se encontrava, testemunhando a vossa fé no Senhor. E a presença brilhante e luminosa daquelas lâmpadas, de dia e de noite recordava-nos continuamente a vossa existência e os nossos corações aqueciam ao pensamento da gloriosa amizade que a todos nos une no amor do Mestre.

Bem desejaríamos que todos vós pudésseis estar presentes connosco para ouvirdes os consoladores relatórios que foram apresentados acerca do trabalho de Deus, em todo o mundo. Os dirigentes de cada Divisão aqui nos falaram do avanço espectacular da Mensagem, nos seus territórios, assim como de velhas barreiras que vão sendo

franqueadas, e de novos países onde vamos entrando; ora tudo isto, prezados Irmãos significa, claramente, que qualquer coisa de tremendo está a acontecer no mundo, qualquer coisa de dramático, de dinâmico, lançando numa espécie de desafio vozes altissonantes como clangores de trombetas: «É isto o dedo de Deus!»

Fala-se muito, nos dias de hoje, de nações «explodindo» e de populações «explodindo»; pois nós mesmos também estamos a assistir à realidade de uma igreja com as suas escolas e colégios repletos, com os seus sanatórios, hospitais e clínicas super-lotados, com os edifícios das igrejas cheios de membros, e ainda com milhares e milhares de corações sinceros dispersos por muitos países e comunhões procurando juntar-se ao remanescente que «guarda os Mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus».

Na verdade é este um grande dia, digno de ser vivido, um dia de maravilhosas possibilidades para a igreja e para cada um dos seus membros.

Todos sabemos, evidentemente, que vivemos num tempo de perturbações.

As mais densas nuvens se acastelam por toda a parte. Há perigos de morte em ameaças continuas. Nomeadamente sentimos a ameaça dos perigos dos últimos dias. Mas tais perigos não nos podem desencorajar, porque vemos em todos estes sinais que se avizinha, a passos rápidos o grande Dia da Vinda do Senhor em poder e glória.

Presentemente, ainda Deus está misericordiosamente retendo os ventos da luta. Está ainda coibindo os poderes das trevas. Deste modo nos está concedendo, graciosamente, aquilo que bem

(Continua na pág. 16)

SUMÁRIO

Mensagem da Conferência Geral
na Sessão de S. Francisco

Editorial

«Para que todos sejam um!»

«As minhas ovelhas ouvem a mi-
nha voz...»

A necessidade da Oração

Ora vem, Senhor Jesus

Notícias do Campo

O 10.º Acampamento do M. V.

Dormindo no Senhor

Reunião de Obreiros

O Auxiliar da Escola Sabatina

As Assembleias da Conferência
Geral

ANO XXIII N.º 193

OUTUBRO DE 1962

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,

E. MIRANDA, F. CORDAS,

F. MENDES, M. LARANGEIRA

E M. LOURINHO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA

Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Terminadas as férias, que mais uma vez a bondade de Deus nos concedeu, eis-nos, de novo, ao trabalho que com a bênção divina temos de valorizar para apressarmos a Vinda gloriosa do Salvador.

Por toda a parte se multiplicam os sinais dessa Vinda bendita que trará consigo a solução de todos os problemas que acabrunham a pobre humanidade, que debalde procura resolver, pois só Jesus, quando vier, em glória, os poderá solucionar.

Que Deus nos ajude a desempenhar, fielmente, os nossos deveres e nos conceda a suprema graça de sermos seus zelosos colaboradores.

A Semana de Oração

Aproxima-se esta bendita Semana, a Semana de Oração. Temos o alegre prazer de vos anunciar que já estão impressas as Comunicações, que constituem o número de Novembro da nossa REVISTA ADVENTISTA.

Por isso vos recomendamos, prezados Irmãos que não sois assinantes da REVISTA, que a adquiram, desde já, para que mais frutuosa-mente possam seguir as leituras, tão cuidadosa e carinhosamente preparadas pelos nossos Irmãos de grande experiência.

Que o Senhor nos abençoe, grandemente, na próxima *Semana de Oração* que não sabemos, queridos

Irmãos e Irmãs, se não será a nossa última Semana de Oração.

O Esforço de Evangelização

Após a Reunião de Obreiros, de que damos notícia especial, esperamos, com a ajuda de Deus, efectuar, em todas as nossas igrejas uma Campanha de Evangelização, num esforço de entusiasmo e consagração pela Causa do nosso Salvador. Nunca somos demais, prezados Irmãos e Irmãs, mormente quando se trata de um Esforço de Evangelização. Para todos há um lugar, para todos há uma função a desempenhar, tudo para a glória do Salvador. Desde os que hão-de ministrar a palavra, passando pelos elementos do coro, por aqueles que hão-de receber e conduzir as visitas, por aqueles que distribuirão os convites — para todos há uma função a desempenhar, pois todos têm o dever de colaborar, pela oração com todos os que, de maneira directa e activa se lançam no Esforço de Evangelização.

Que o Senhor abençoe a nossa Igreja ao trabalho, dilectos Irmãos.

Esperamos, durante esta próxima Campanha de Evangelização transmitir-vos pessoalmente, as saudações dos nossos Irmãos que no-las confiaram, por ocasião das Assembleias da Conferência Geral.

A. Casaca

“Para que todos sejam um!”

(Resumo de uma pregação do Dr. J. NUSSBAUM)

Pergunta muito actual: «Será de desejar um novo Colóquio de Poissy?».

A resposta depende das condições em que se realizasse. Se se determinasse um novo Colóquio de Poissy dizendo que a Sagrada Escritura seria o árbitro, veríamos nele a mão da Providência.

Mas, infelizmente, as coisas apresentam-se hoje da mesma maneira que outrora e, porventura, de modo mais grave, porque, há quatrocentos anos — quando se realizou o Colóquio ou Conferência de Poissy — Catarina de Médicis desejava, vivamente, que se chegasse a um acordo entre católicos e protestantes. Estava ela — então regente na menoridade de Carlos IX — disposta a fazer concessões se o clero católico tivesse mostrado boa vontade; estava, de facto, pronta, porque ela tinha necessidade de paz para assegurar o reino ao filho. A França estava profundamente perturbada; temendo o futuro, Catarina de Médicis desejava e pensava que uma união entre protestantes e católicos restabeleceria completamente a tranquilidade no reino, pelo que a Regente ligava grande importância ao Colóquio.

Causas do malogro da Conferência de Poissy

Ocorre perguntar por que é que a Conferência de Poissy não teve resultado e quais foram as razões profundas do seu malogro.

Parece-me que foi devido ao facto de os protestantes se terem demonstrado profundamente ligados à Sagrada Escritura. Possivelmente, não se tinha considerado este ponto. Tinha-se pensado que

talvez cedessem, perante as perseguições que lhes haviam sido movidas e aos tremendos castigos que lhes haviam sido infligidos, pelo que, tantas dificuldades talvez os levassem a um certo espírito de compromisso. A verdade, porém, é que ficaram firmes à Palavra de Deus; a ideia de um compromisso nunca lhes acudiu ao espírito, quer na França, quer na Suíça, ou na Alemanha ou na Holanda, ou em qualquer outro país onde a Reforma progredia.

É certo — e deduzo isto de todos os contactos que tenho tido no Vaticano — que a Igreja Romana estaria hoje pronta, como de resto noutros tempos, a fazer algumas concessões de pormenor; mas, sobre os dogmas, é de uma intransigência absoluta.

Para responder à pergunta se um novo Colóquio seria de desejar e possível, será bom recorrer à História e ver como as coisas se passaram no decorrer dos séculos.

A ideia da unidade não é nova; é mesmo bastante anterior à época da Reforma. Acompanhou sempre os políticos que, todos eles, têm procurado, mais ou menos, realizá-la, e, imediatamente, logo após as grandes perseguições de que foi vítima a Igreja primitiva, a ideia da unidade abriu, facilmente, caminho nos corações.

Argumento bíblico invocado a favor da unidade da Igreja

Tem-se recorrido, para fazer penetrar esta ideia nos espíritos, a um texto bíblico, cujo sentido, porém, foi alterado, e que hoje se interpreta de uma maneira que

Jesus nunca compreendeu nem nunca aceitou.

Encontra-se tal texto no Evangelho de S. João, no capítulo de zassete, no qual se relata a oração sacerdotal do Salvador.

Jesus dirigia-se para o Jardim das Oliveiras. Depois de haver passado várias horas com os discípulos no cenáculo e de ter instituído a Santa Ceia, dissera-lhes: «Levantai-vos, vamo-nos daqui».

Durante o caminho, Jesus deu-lhes ensinamentos magníficos, fielmente registados pelo apóstolo João. Depois, quando chegaram perto do jardim do Getsémani, ergueu os olhos e dirigiu a seu Pai uma oração que apenas dizia respeito aos seus discípulos, aos seus apóstolos e a todos aqueles a quem o Pai escolheu. Efectivamente, Jesus disse: «Não rogo pelo mundo, eu rogo por eles».

É deles que se trata; Jesus amava-os, não deseja deixá-los, mas vai ser aquele pastor que tem de ser preso e cujas ovelhas serão dispersas. Jesus está angustiado, porque vê as dificuldades que a sua Igreja há-de encontrar através dos séculos. Por isso dirige a seguinte súplica ao Pai: «E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão-de crer em mim, para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste».

É este o famoso texto que ainda hoje é o «leitmotiv» dos que participam na cruzada pela unidade. Procura-se a unidade, porque Jesus disse que os membros da sua Igreja devem ser um, como Ele e seu Pai são um.

Génese da ideia de unidade

Quando é que esta ideia da unidade apareceu pela primeira vez?

Note-se, em primeiro lugar, que depois de dois séculos de atrozes perseguições, no começo do século quarto, a Igreja, pelo menos a massa que dela fazia parte, estava fatigada de lutar, porque os imperadores romanos tinham sido bastante cruéis. Apareceu, então, um grande político: Constantino. Este sobe ao trono, no momento da terrível luta contra os cristãos. Constantino quer a paz, porque percebe que tal luta não lhe serve os interesses, mas que, pelo contrário, lhe dizima o império. Vê que tais perseguições, quanto mais violentas são, mais aumentam o número dos cristãos. Quando sobe ao trono, a duodécima parte do império romano já se havia convertido ao Cristianismo. Como homem inteligente que era, Constantino resolve mudar de tática e promulga o famoso Edito de Milão, edito de tolerância, pelo qual concede uma certa liberdade religiosa aos cristãos. Depois, tendo satisfeito os cristãos, vendo que estes se vão aproximando do imperador, vai mais longe: quer fazer do Cristianismo uma religião nacional, uma religião do Estado. A verdade, porém, é que ele começa por fazer duas religiões do Estado: a pagã e a cristã; mas esta dualidade não dá bons resultados. Por isso abandona o paganismo, que lhe parece estar no declínio, e decreta que o Cristianismo, então em plena expansão, será, dali para o futuro, a religião nacional.

Muitos cristãos consideraram isto como um acontecimento providencial; foi, porém, um acontecimento diabólico, porque, a partir daquele momento, o fervor da Igreja Cristã diminui. A imagem e o pensamento do Senhor começam a esfumar-se e a Igreja vai também esquecendo, insensivelmente, a sua vocação celeste. A Igreja e o Estado unem-se. É certo que, por vezes, esta unidade será aqui e ali ameaçada, mas também é verdade que tal unidade manter-se-á até o momento da Reforma!

Origem da divisão da cristandade

A Reforma, fruto do poder das Sagradas Escrituras, rompeu a unidade estabelecida pelo constrangimento exercido pela Igreja e pelo Estado.

Os próprios reformadores advertiram isto mesmo: *que a unidade não se podia conservar porque o Evangelho dá liberdade*.

Para procurar conservar a sua unidade, a Igreja dirigiu-se ao braço secular e fez punir aqueles a quem chamava «cismáticos».

E estes cismáticos deixaram a velha Europa; chamaram-lhes «puritanos».

Chegados à América, na província da Nova-Inglaterra, ali se reuniram; não eram, como diz a Sagrada Escritura, senão um corpo e uma alma; uma das suas primeiras decisões foi a de salvaguardar a sua unidade, porque eles também a procuravam. Por isso promulgaram leis.

Outros, os Quakers, não participavam desta unidade; outros, os Baptistas, iam mais longe no estudo da Palavra; foram todos considerados como importunos e foram troçados. Como diz um historiador, o chicote foi reservado para as costas dos Quakers e as algemas para os pulsos dos Baptistas.

Deste modo, a ideia nefasta de impor a unidade, a todo o custo, fez destruições, mesmo entre aqueles que pretendiam a Sagrada Escritura como regra de fé.

Na nossa época, o individualismo impediu, durante certo tempo, que a doutrina da unidade se espalhasse e se realizasse.

Mas os tempos mudaram; a unidade volta à moda e agora só se fala de unidade.

Mas, como se viu, esta famosa unidade deixou na História bem tristes lembranças e por isso deveria meter-nos medo.

Também nós queremos a unidade, também nós a desejamos, a apreciamos, sim, mas a unidade que está assente na Palavra de Deus que apenas emprega uma única arma: a persuasão.

Perigos da reunificação a todo o custo

Infelizmente, a unidade que se procura estabelecer, nos nossos dias, está baseada num abandono recíproco.

Efectivamente, se aquela fracção protestante quiser abandonar aquilo nós, os católicos, abandonaremos aquela outra coisa!

Presentemente, nos Estados Unidos, realizam-se entendimentos entre as quatro grandes fracções protestantes americanas para se chegar à unidade.

Quando se conhecem as doutrinas de algumas destas fracções, a unidade parece absolutamente impossível, porque algumas delas têm uma fé absoluta na Sagrada Escritura, ao passo que outras recebem-nas superficialmente, afirmando que não são para os nossos tempos.

Presentemente, estão procurando, senão a unidade dos corações, pelo menos a administrativa.

Está-se considerando, até mesmo, a unidade com Roma.

Será possível esta unidade com Roma?

Sua Ex.^a Mons. Félici, Secretário Geral da Comissão Central pré-Conciliar, escreveu a este propósito: «Desta verdade fundamental, solenemente declarada pelo primeiro concílio ecuménico do Vaticano, no seu preâmbulo da quarta sessão, deduz-se que a união dos cristãos, conforme a vontade de Cristo, não pode consistir senão numa adesão plena e sincera à cátedra de Pedro, à igreja romana».

Isto é assim dito de uma maneira nítida e claríssima.

Como todos os partidários da unidade, o autor desta declaração, Mons. Félici, também apela para as palavras de Jesus.

O verdadeiro sentido das palavras de Jesus

Pode dizer-se que, de certa maneira, se monopolizou o Senhor Jesus para fazer d'Ele o grande defensor da unidade, tal como hoje se concebe.

Vejamos, porém, o que é que Jesus disse.

Eis as suas palavras, tais como nos ficaram registadas no Evangelho, segundo S. João (17:21): «Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste».

E diz, ainda, a seguir (v. 23): «Eu neles e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim».

Ora, a quem é que diz respeito este pedido? Quem são as pessoas designadas por «ELES»?

Quando se estuda a História, vê-se que para os promotores da unidade, desde Constantino até à nossa época, este «eles» eram as igrejas, organizações e, por vezes, os Estados.

Porque estas igrejas englobavam todo o mundo, não havia ninguém que fosse livre de fazer parte de uma igreja; havia príncipes, reis, imperadores: era o mundo na Igreja. Por isso, este pronome pessoal «eles», utilizado por Jesus, não designa as igrejas, porque naqueles tempos longínquos a Igreja confundia-se com o mundo.

Ora, aqueles de quem Jesus fala, são seres totalmente diferentes, que não pertencem ao mundo, são seres, dos quais Jesus diz nesta oração: «Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os aborreceu». Por consequência, não pode tratar-se de igrejas, quer sejam grandes ou pequenas.

Então, de quem se trata?

Para o sabermos, temos de ler os dois primeiros versículos deste capítulo de S. João, 17: «Pai, é chegada a hora; glorifica o teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste».

No versículo 6, encontramos luzes complementares: «Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra».

Não se trata de igrejas, trata-se de homens, de uma minoria de indivíduos que possuem a vida eterna pela fé e que foram escolhidos por Deus. É, de certa maneira, uma Igreja espiritual, invisível, cujos membros só Deus conhece. Ora estes tais membros encontram-se em todas as igrejas cristãs.

É claro que não possuímos nenhum critério que nos permita discernir os que serão salvos e os que não serão. O homem olha para as aparências, mas Deus vê os corações. É a razão pela qual nos devemos de abster de julgar. A Igreja de Jesus Cristo está disseminada pelo mundo; não a conhecemos, mas Jesus conhece-a e sabe quem são os seus. É por eles que pede e não por organizações; não se trata de reunir organizações, mas sim de realizar a comunhão espiritual dos que foram chamados por Deus e que vivem em estreita comunhão com Ele.

Tais homens são, de certa maneira, pérolas e ouro puro destinados a formar a coroa do Mestre. Da mesma maneira que as pérolas se encontram nas ostras, assim também tais homens se encontram nas igrejas, sendo eles as pérolas e o ouro puro que formam a coroa do Senhor. Querer fazer entrar todo o mundo na unidade equivale a fazer um colar de pérolas ou de ouro com as conchas das pérolas e com a ganga do ouro. Jesus não quer as ostras nem as impurezas da ganga, mas sim as pérolas e o ouro puro, isto é, os que foram escolhidos por Deus, os que corresponderam ao seu apelo e que Lhe pertencem. Jesus quer ser o seu chefe, deseja uni-los sob a sua égide, conforme esta declaração: «(Tudo isto está previsto para a edificação do corpo de Cristo) até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo». (Efésios 4:13). É necessário que cheguemos à unidade da fé. Ora, a fé «vem do que se ouve», diz a Sagrada Escritura, «e o que se ouve vem da Palavra de Deus».

Eis a verdadeira origem da unidade. Na Epístola aos Colossenses (1:18) diz-se de Jesus: «É Ele a cabeça do corpo da igreja», pensamento expresso, noutro texto, por estes termos: «chefe da Igreja».

Reflectamos um instante nestas palavras. Tomam elas uma importância particular por causa do contexto, no qual o Apóstolo atribui a Jesus todas as espécies de títulos: «É (Jesus) a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação; porque n'Ele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele».

E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele. E Ele é a cabeça do corpo da igreja: é o princípio e o primogénito de entre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude n'Ele habitasse.» (Colossenses 1:15-19).

Se alguém se proclama chefe da Igreja, digo que isso não é menos chocante como se se proclamasse a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação e que se declarasse que todas as coisas foram criadas por ele, nos céus e na terra, tanto as visíveis como as invisíveis: tronos, dominações, autoridades, ou também que declarasse que toda a plenitude habitou nele, e que é o primogénito de entre os mortos. Tais títulos pertencem a Jesus Cristo e apoderar-se de qualquer deles não é menos chocante que atribuir-se todos os outros.

É, pois, possível e desejável que tenhamos outra Conferência de Poissy?

Uma coisa é de desejar: é que nos debruçemos sobre As Sagradas Escrituras para as ler, diariamente, e para as meditar, atentamente, e, assim, tal como Jesus quer, e pede, que as ponhamos em prática, pelo poder do Espírito e apenas para a glória de Deus.

"As minhas ovelhas ouvem a minha voz..."

S. João 10:27

Fui Católica Apostólica Romana, durante anos, por mera tradição. Não praticava a religião e tinha apenas a vaga ideia de que aquela era a que melhor defendia os princípios de Cristo. Recebi, todavia, dois dos seus sacramentos: o do baptismo e o do matrimónio. Mas, conquanto a religião não me atraísse, por suas complicadas cerimónias, suas proclamações e seus dogmas, sentia-me fortemente atraída pela pessoa de Cristo.

Em certa ocasião da minha vida, quando desgostos ameaçavam a minha tranquilidade, senti-me atraída para a leitura de um Novo Testamento que possuía. E a vaga de Fé que me tomou levou-me, meses depois, a desejar, ardentemente, praticar a religião de meu Senhor e Salvador. Para isso necessitava que muitas passagens do Novo Testamento me fossem explicadas. Naturalmente, recorri à Igreja Romana. Pouco a pouco fui-me integrando nas suas práticas e obtendo explicação para as mesmas. Depois de um período de aprendizagem em que o meu espírito grandemente se observou, entrei no que se pode chamar uma rotina de práticas religiosas. Comecei assim a ter tempo para fazer as minhas observações sobre essas práticas, seus porquês e seu fruto no espírito dos crentes. Notava com frequência o pouco estudo — e direi até o pouco uso — que ali se fazia da Palavra do Senhor, sobretudo entre os fiéis que, conquanto, em certos casos, grandes praticantes da religião, denunciavam uma lamentável ignorância em relação à Bíblia. Sentia-me perplexa e pensava, que ao meu espírito algo escapava. Procurei descobrir a minha falta e busquei conselho entre crentes e entre Padres. As respostas não satisfaziam as minhas dúvidas íntimas e eu continuava incapaz de compreender aquela Igreja que tão diferente era, na aparência, daquilo que fora a Igreja Apostólica. As suas atitudes estranhas ao Evangelho e o mau comportamento,

por ignorância, da grande massa dos seus fiéis, chocavam-me profundamente. A minha alma experimentava viva ansiedade, mas eu compreendia perfeitamente que não era a minha fé que sofria abalo, pois que o meu amor pelo meu Senhor era cada vez maior e mais forte, assim como o desejo de O conhecer intimamente. Quantas e quantas vezes, procurando refúgio numa Igreja, ao assistir a uma missa, eu desejava, ardentemente, ouvir falar d'Ele, só d'Ele — e saía daquele lugar completamente frustrada, pois não houvera tempo para se expor um pouco do Seu Evangelho! Muito ritual, sim, mas a Sua Palavra, tão esbatida naquelas orações, passava despercebida. E depois, esse mesmo ritual, se eu o compreendia, porque o estudara, de quantas e quantas pessoas era desconhecido!...

As minhas dúvidas avolumavam-se. Em certa ocasião, numa confissão, expus novamente a um Padre, que eu percebi ser inteligente e esclarecido, o meu problema. E como a discussão ampla do assunto não cabia nos limites duma confissão, o Padre resumiu numa imagem o que eu deveria entender por Igreja Católica Romana: «Veja a Igreja como vê um vitral — de dentro para fora e nunca de fora para dentro. Porque ela tem uma parte humana, ostenta defeitos; mas estes em nada afectam o seu Centro, pois que esse é Santo, por ser Deus». Fui para casa imensamente aliviada. Pareceu-me, no momento, que encontrar, enfim, a chave das minhas dúvidas. De pouca dura, porém foi o meu alívio. Uma voz interior me segredava: «Não se conhece então o valor duma obra pelo seu fruto? Não segue o discípulo o que o Mestre lhe ensina?».

Antes de prosseguir desejo salientar que o meu intuito ao escrever estas linhas é apenas o de relatar, a traços largos, as lutas que tive enquanto procurava o Senhor, e não, como poderia parecer, fazer uma crítica à Igreja Católica. Esta

foi para mim um atalho pelo qual alcancei o caminho que procurava e por isto lhe estou grata. Nada mais é hoje. Não será frisar, no entanto, que nesse atalho eu não obtinha satisfação espiritual ampla e que vivia anelante pela verdade sem subterfúgios.

Contra os revezes da minha vida quotidiana, procurava refúgio, solitariamente, na leitura do Novo Testamento e era em Cristo que buscava forças e paz. Na minha Igreja deixava de sentir conforto por completo. Era como se não falássemos a mesma língua. E, convivendo embora com pessoas católicas romanas, jamais uma delas me pôde dar consolo, pois havia como que uma barreira entre nós. O meu espírito não se satisfazia junto delas e as suas opiniões e conselhos chegaram ao ponto de me entristecer, pois que não estavam de harmonia com uma vida absolutamente cristã.

Há poucos meses surgiram na minha vida angustiosos problemas materiais; e, não fora a minha ardente fé, creio que teriam ruído por completo a minha coragem e, direi mesmo, o meu equilíbrio psíquico. Não fora a minha fé e eu ter-me-ia deixado submergir pela dor e pela desilusão. A minha fé, sim, me salvou — aquela fé que colhi no Novo Testamento e que, a sós comigo, vi crescer e fortalecer-se. Refugiei-me, totalmente, no meu mundo espiritual. Activei as minhas leituras da Bíblia e, mais do que nunca, fiz oração — oração minha, que brotava do mais íntimo de mim mesma e não colhida no meu Missal. Quase sempre terminava no mesmo grito angustioso: «Senhor, dá-me Luz e Paz para o meu espírito!».

Pelo agravamento dos meus problemas materiais, tive de deixar, temporariamente, a minha casa para ir viver com meus Pais. Parece-me importante referir este pormenor, porque foi aqui que tomei contacto

(Continua na pág. 11)

A necessidade da Oração

A. Casaca

Mais uma vez vamos ter o bendito privilégio de nos reunirmos na SEMANA DE ORAÇÃO.

Nem a mesma eternidade será suficiente para podermos avaliar o que é a oração, qual é o seu valor e a sua absoluta necessidade. Basta só meditar um pouco nesta sublime expressão do nosso amado Salvador «Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.» (S. Marcos 11:24), para termos uma ligeira noção do valor e da necessidade da oração.

«Jesus deixa bem esclarecido que o nosso pedido deve estar de acordo com a vontade de Deus; devemos pedir as coisas que Ele prometeu e o que quer que recebamos deve ser empregado em fazer a Sua vontade. Satisfeitas as condições, a promessa é certa.» (*Educação* pág. 258).

É evidente que a oração só será eficaz desde que estejamos de acordo com a vontade de Deus.

Ora estar de acordo com a vontade de Deus não é fazermos nem a nossa nem a vontade de nenhuma criatura. Só interessa fazer a vontade de Deus.

Quantas vezes não fazemos as nossas orações de uma maneira maquina, quase mais preocupados com a forma exterior do que com o seu conteúdo?

Quantas vezes não ficamos com a impressão ao assistirmos a um culto e ouvindo certas orações que parece haver a exclusiva preocupação de se empregarem palavras muito rebuscadas que soam a artificialismo sem vida, sem devoção, quase sem fé?

Nesta nova oportunidade que o Senhor nos concede de participarmos numa nova SEMANA DE ORAÇÃO façamos o firme propósito de renovar o nosso espírito de oração.

«Podemos pedir o perdão dos pecados, o Espírito Santo, um temperamento cristão, sabedoria e força para a sua obra, ou qualquer dom que Ele haja prometido; então de-

vemos crer que recebemos, e agradecer a Deus por havermos recebido.» (*Educação*, pág. 258).

Recordemos a simplicidade com que Jesus orava; digamos o «Pai nosso» e comparemos esta sublime oração tão repleta de fé, de simplicidade e de confiança, com as nossas tão mesquinhas e palavrosas orações.

É por demais conhecida a definição de oração dada pela Irmã White: «A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo.»

Bem sabemos que a alma, assim como o corpo, tem a sua vida. Ora a vida do corpo tem de manter-se mediante o alimento e quanto mais puro e adaptado for o alimento do corpo, tanto melhor será a vida desse mesmo corpo.

Pois a vida da alma também tem de se manter mediante o seu alimento próprio, que é, precisamente, a oração.

«A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça a pode substituir, nem mesmo a saúde da alma pode ser conservada, por outro meio. A oração põe a alma em imediato contacto com a Fonte da vida, e fortalece os nervos e os músculos da vida religiosa. Se negligenciarmos o exercício da oração, ou se nos dedicarmos a ela, só de quando em vez, quando nos parecer conveniente, perderemos a nossa firmeza em Deus. As faculdades espirituais perdem a sua vitalidade, sem a oração, assim como a experiência religiosa fica sem saúde e sem vigor. (Obreiros Evangélicos, pág. 251 e 252).

Que a SEMANA DE ORAÇÃO — quem sabe se não poderá ser, também para nós, a última, nesta terra, — seja uma preciosa fonte daquelas bênçãos que Deus nos quer conceder, uma vez que, com a graça de Deus, façamos o bom propósito de querer, sempre, e de procurar sempre a vontade divina, mediante a entrega completa do nosso ser, numa oração de fé e de confiança, em íntima união com o nosso bendito Salvador.

Ora vem, Senhor Jesus

O mundo político e social encontra-se cada vez mais perturbado, repleto de angústia e de aflições.

Os desentendimentos prosseguem pavorosos e inclementes.

Os estadistas não ocultam o mal-estar de que enfermam as nações.

E à medida que o tempo passa, acentua-se, sempre mais, a agitação geral num misto de ansiedade e de incertezas.

Debalde se procuram soluções em teorias humanas que nada podem resolver, porquanto sendo essencialmente particulares, restritas no tempo e no espaço, não podem equacionar nem muito menos resolver os magnos problemas de carácter universal.

Nem o remédio se pode encontrar em nenhuma doutrina religiosa confinada a soluções temporais.

Triste será a condição daquela igreja que pretenda apresentar

— que julgue ter a pretensão de apresentar — qualquer solução de ordem meramente terrena, secular, material para os gravíssimos problemas que pesam sobre a pobre humanidade.

Já lemos em letra redonda que «a Igreja se prepara para desposar o mundo» — entendendo-se por tal enlace(?) a tentativa da Igreja cristianizar o mundo!...

Não é o mundo que se poderá salvar!...

Não são as nações que se hão-de salvar!...

A salvação é estritamente individual, pessoal, pois serão os indivíduos que herdarão o Reino dos Céus.

É certo que santificados os indivíduos, também as nações estarão santificadas: salvos os indivíduos, salvas estarão as nações.

(Continua na pág. 11)

A Ilha das Flores fica na extremidade oeste do Arquipélago e conjuntamente com a Ilha do Corvo, que fazem parte do distrito da Horta, são as mais afastadas do Continente e escassamente servidas de transportes, especialmente no Inverno.

A Mensagem Adventista, quanto podemos saber, começou a ser conhecida nesta Ilha há mais de vinte anos.

Um senhor dali natural, veio à Ilha Terceira em viagem de negó-

lestra sido feita num restaurante da cidade, entre uma roda de amigos.

Encontrava-se nessa ocasião na Terceira, de visita ao grupo, fazendo estudos em casa do Ir. Gualberto da Silveira, o Pastor Mansell, para onde foi o Ir. Peixoto convidado, que já bastante interessado, torna a voltar às Flores, onde também já havia um grupo de interessados, entre os quais os Irmãos

no dia 22 de Setembro de 1946, mais alguns irmãos, entre os quais a Família Laureano Cardoso. Outros baptismos se seguiram, feitos pelos Irmão Laranjeira e Mendes e embora alguns tenham emigrado para América, Canadá, etc., continuam naquela Ilha uma dezena de pessoas baptizadas, que infelizmente nunca puderam ter um pastor efectivo, sendo apenas visitados em geral uma vez por ano, mas que sempre têm feito regularmente a sua Escola Sabatina e enviado o relatório.

Estamos certos que outras almas por quem o Senhor morreu se devem encontrar naquela Ilha e pedimos aos prezados leitores que orem para que possamos ajudar os nossos irmãos daquela tão isolada Ilha.

2.º Congresso da Juventude Adventista de Moçambique

Quatro anos são passados, desde que se realizou o nosso primeiro Congresso da Juventude, que teve lugar em Mungulúni, no mês de Abril de 1958.

Novamente foi dada à nossa juventude a oportunidade de se reunir, e foi resolvido desta vez realizar dois Congressos regionais, de modo a abranger maior número de jovens. Assim houve a possibilidade de reunir cerca de 2.000 jovens, — rapazes e meninas, das nossas Igrejas.

O primeiro Congresso, o de Mungulúni, teve lugar de 20 a 24 de Junho. Perto do Internato masculino foi armado um acampamento para albergar os delegados que vieram de todas as Igrejas do nosso campo, alguns tendo de caminhar mais de 30 km a pé. No dia 19 até ao anoitecer chegaram grupos de rapazes e meninas com os seus dirigentes, com as suas trouxas à cabeça, movimentaram extraordinariamente a Missão.

No dia 20, logo de manhã, às 6.30 todos se reunem no vasto recinto do Congresso para a devoção matinal, a que se seguiu a cerimó-



Grupo dos Irmãos em frente da casa do culto, nas Lajes - Terceira

cios e comprou uma Bíblia, que alguém lhe ofereceu, mas de volta a casa, suspeitando tratar-se de coisa imprópria, rasgou-a e queimou-a, mas alguma coisa tinha ficado do pouco que leu e na próxima viagem à Terceira comprou outra que não mais rasgou nem queimou, antes a leu e estudou.

Por esse tempo foi à Ilha das Flores o Irmão José Valente do Quental, fabricante e industrial de móveis de vimes, residente na Terceira que, embora não fosse ainda baptizado, já conhecia o Evangelho e durante a sua estadia foi falando da sua Fé a várias pessoas e entre as quais aquele senhor da Bíblia — Irmão Aristides Peixoto.

De volta à Terceira, continuaram os contactos por escrito e o Irmão Peixoto torna a vir à Terceira, onde se encontraram, tendo uma vez a pa-

Francisco Fraga e Laureano Inácio Cardoso.

Entre o grupo e a Sede mantiveram-se os contactos e pouco depois veio a Ponta Delgada para tratamento, o Ir. Francisco Fraga, tendo sido por esse tempo o Pastor Mansell substituído pelo Pastor Lourinho.

O Irmão Fraga assistiu a cultos, preparou-se e foi baptizado no dia 8 de Julho de 1944, sendo o primeiro baptizado das Flores.

De regresso à sua Ilha foi acompanhado pelo Pastor Lourinho e Esposa, que permaneceram naquela Ilha os meses de Agosto e Setembro. Durante a sua estadia foi baptizado o Ir. Aristides Peixoto, ficando por algum tempo a ser os únicos baptizados.

Dois anos depois, noutra viagem, do Pastor Lourinho, são baptizados

DO CAMPO

nia do içar da bandeira Nacional enquanto era entoado o hino. Às 8.30 o Presidente do nosso campo, Pastor Lourinho, inaugurou o Congresso dirigindo à assistência uma mensagem de reavivamento espiritual. Durante todo o dia realizaram-se várias reuniões, procurando os oradores apresentar, alguns pontos práticos para a nossa juventude. Travaram-se por vezes interessantes diálogos especialmente com os mestres. À noite, uma série de filmes sobre a missão e outros recreativos foram apresentados.

Na quinta-feira, durante toda a manhã e parte da tarde, realizaram-se as reuniões espirituais e práticas e depois das 15 horas, uma tarde desportiva para inauguração do novo campo de jogos da Escola. Este campo, construído pelos alunos do Curso de Catequistas e seus professores, apresentava um aspecto festivo. O nosso presidente cortou a fita que vedava a entrada do campo, e logo surgiram alguns alunos para inaugurarem o campo de bola ao cesto. Seguiram-se alguns jogos educativos e recreativos, corridas, saltos e exercícios de ginástica.

Todos saíram satisfeitos, desta bela reunião, que foi organizada pelos prof. Maurício e Nunes. À noite, a sociedade de Jovens da Missão ofereceu uma hora social em volta do Fogo do Conselho, onde se cantou e jogou alegremente.

Sexta-feira, o programa desenrolou-se durante toda a manhã e parte da tarde, estando a reunião da noite a cargo das Senhoras Missionárias, que nos apresentaram, um bom programa acerca das mulheres da Bíblia.

Foram uns dias maravilhosos de Sol que se associaram à nossa festa da Juventude. Alguns irmãos das igrejas dos arredores reuniram-se connosco, especialmente no dia de Sábado. O dia do Senhor, foi cheio de actividades, tendo feito o culto, depois da escola sabatina, o Pastor Lourinho, que convidou, num vibrante apelo, a juventude a entregar-se a Jesus, e a fazer d'Ele o

seu modelo. À tarde teve lugar uma interessante reunião de Jovens, em que foram apresentadas: poesias, diálogos, e quadros bíblicos.

Domingo de manhã, foi encerrado o Congresso, tendo sido distribuído a um representante de cada lugar um galhardete com as iniciais M. V.

Seguidamente, teve lugar a cerimónia de graduação do Curso de Catequistas. Depois dum programa apresentado pelo Curso sob a direcção do Prof. Nunes, seguiu-se a cerimónia da distribuição dos diplomas aos 4 finalistas. Enquanto os alunos eram chamados, o seu professor traçava o aspecto das suas actividades escolares e recebia das mãos do Presidente do Campo, o diploma. Entre estes finalistas, estavam dois homens, já casados, e que entraram para a escola já muito tarde, depois de diversas actividades, e que tiveram de caminhar cada dia um bom par de quilómetros para assistir às aulas e prestar assistência numa catequese de que tomavam conta.

Numa das salas da Biblioteca, foi inaugurada uma exposição de trabalhos das várias classes, onde foram apresentados trabalhos de modelação em barro, de construções e cartolina, trabalhos em madeira e vários vindo da escola de Artes e Ofícios. Por aquele certame podemos apreciar os trabalhos realizados pelos professores através do ano escolar.

O Congresso de Milange, realizado pela primeira vez, foi uma interessante demonstração de vitalidade de uma das mais prometedoras áreas da Missão. O programa desenvolvido foi o mesmo. Em volta da vasta capela da Zalimba, levantaram-se as barracas do acampamento. No dia de Sábado muitas visitas vieram também juntar-se à juventude. Estamos certos de que o Senhor abençoará a semente lançada entre a nossa juventude, para se preparar a servir a sua Pátria e o seu Deus.

Os principais objectivos do Congresso foram:

Preparar a nossa juventude para se encontrar com o seu Deus.

Ajudá-la na sua preparação para o trabalho nesta terra, em prol dos outros.

Estamos gratos a Deus por esta oportunidade de ajudar a nossa juventude, e esperamos que a mensagem transmitida possa frutificar em seus corações.

J. A. Morgado

Notícias de Benguela

As fileiras da Igreja de Benguela foram reforçadas com a admissão de mais três novos membros. São eles as Irmãs Maria Isabel Dias, Maria de Lourdes Pires e Maria Manuela Martins Pereira Câmara que, numa inspiradora cerimónia baptismal, celebrada no dia 19 de Maio, publicamente manifestaram a sua consagração a Deus pelo baptismo.

Temos apreciado a dedicação destas Irmãs pela Igreja e o zelo missionário que as leva a consagrar parte do seu tempo à distribuição sistemática de folhetos, embora com pesados encargos de família. Queira o Senhor conservá-las firmes na Verdade e abençoar os seus esforços e o das outras consagradas semeadoras da Igreja, dando-lhes a satisfação de verem os frutos do seu trabalho, que de maneira nenhuma poderá ser vão no Senhor, visto Ele prometer que a Sua Palavra não voltará para Si vazia.

Manuel Saraiva

«História do M.A. em Cabo Verde»

(Continuação)

Brava

Fica situada a 9 milhas do Fogo e a 169 da de S. Tiago. Tem 64 km² de superfície e a sua população cifra-se em aproximadamente 8.000 almas.

Tem como capital a Vila de Nova Sintra, construída entre hortas e vegetação, e devido ao seu clima húmido e por vezes frio, faz

lembrar Sintra do Continente donde cremos que lhe veio o nome.

A ilha foi descoberta em 24 de Junho, e chamaram-na ilha de S. João, depois, devido à natureza selvática da sua orografia, o bravio dos seus vales amaranhados de hostil vegetação, durante muitos anos sem ser habitada deram-lhe o nome de Brava.

Em 1680 uma grande falta de chuva se fez sentir na vizinha ilha do Fogo, e diz-se que muitos casais fugiram dali para esta ilha buscando refúgio, mas já a encontraram povoada por colonos brancos, os quais, cem anos antes se tinham ali estabelecido, na costa Noroeste, constituindo o fundo desta raça de homens fortes, pacientes e bravos e de mulheres perfeitas com a limpidez moral da mulher lusa.

... Havia na América do Norte, um fiel dedicado membro da Igreja Adventista, de nome António Gomes, natural da Brava. Certa noite quando lia a Bíblia, sentado no seu quarto, sentiu-se sacudido misteriosamente. Chamou a esposa que estava lavando, e perguntou-lhe se ela não tinha sentido um abalo sísmico? Não! foi a resposta. Isto repetiu-se mais duas vezes, ajoelharam e pediram esclarecimento da parte de Deus.

Na noite seguinte, sonhou que um mensageiro lhe indicava a ilha Brava e o seu dever de levar o Evangelho aos seus. Três dias depois está a caminho de Cabo Verde.

Chegou à sua terra natal em Novembro de 1934, além de vir visitar a família, o seu principal objectivo era de fazer conhecida a Mensagem Adventista, se a Verdade era boa para si também o devia ser para os seus familiares e patrícos.

Mas, como acontece em todos os meios católicos, também aqui não foi bem recebido. Era considerado um Protestante de quem se devia fugir, e desprezar. Assim certo dia, quando se encontrava a estudar a Bíblia com algumas pessoas interessadas, foi-lhe atirada uma pedra por mãos malévolas. Partiu-se a cadeira onde estava sentado mas não sofreu mal algum. Disse ele então:

«O anjo que me sacudiu na América, também está aqui para me defender».

Esteve alguns meses nesta ilha, disseminando a Verdade, e, quando regressou à América, podemos dizer que deixou uma Igreja organizada. O Ir. António Gomes já faleceu, mas ainda se vêem os frutos do seu trabalho.

Pouco tempo depois da partida daquele irmão, pede-se à União Portuguesa que envie um missionário. O pedido foi atendido e chegou aqui o Ir. Pastor Alberto Raposo em 1936.



Os primeiros crentes da Brava

Quando o Ir. Raposo pisou o solo bravense, não encontrou crentes baptizados, mas sim pessoas interessadas e desejosas de se entregarem a Deus. Devido à lhanza do seu trato, grande saber escriturístico, profundo zelo espiritual, e simpatia de seus familiares, cedo o Ir. Raposo constituiu um belo núcleo de crentes.

No seu tempo, foi construída, por conta do Irmão António Gomes, a imponente Igreja de Nossa Senhora do Monte, que se destaca em toda a freguesia, quer pela beleza arquitectónica, quer pelo seu tamanho. Em 1953, a Igreja foi reconstruída, por não oferecer muita segurança, e grandemente melhorada. Anexa à Igreja, temos a residência do obreiro, e uma sala para escola primária que funciona desde 1946.

Ainda no tempo do Pastor Raposo, se começou a pregar o Evan-

gelho na Vila, onde temos ainda uma sala alugada. Mas aqui o trabalho tem decorrido com intermitências e não se tem feito um grande trabalho, visto o povo ser mais arredio. O centro principal foi sempre e ainda é Nossa Senhora do Monte, onde temos o nosso edifício.

O Primeiro missionário como acima se disse, foi o Pastor Alberto Raposo, que aqui esteve aproximadamente 6 anos, de 1936 a 1942. (Convém salientar que estas datas são aproximadas.) Depois veio o Pastor João Esteves, dirigindo a Igreja aqui aproximadamente dois anos, 1943 a 1944. De 1944 a 1947, exerceu aqui o seu ministério o Irmão Evangelista Gregório da Silva Rosa. Arlindo dos Santos Miranda, trabalhou aqui na vinha do Senhor aproximadamente 2 anos, de 1945 a 1947. O Obreiro João de Mendonça veio após, 1947 a 1955, longos anos em que muito trabalhou e se esforçou e fez muito bom trabalho. O Colportor Adelino Diogo, também dirigiu aqui a Igreja em 1954, numa das férias do Ir. Mendonça. O Ir. Artur de Oliveira, estagiou aqui durante dois anos, 1955 a 1957. Sucedeu-lhe o Ir. Orlando Costa, 1958 a 1959, dois anos portanto. De novo um Colportor vem dirigir aqui o trabalho durante algum tempo, 2 anos justos; é o Ir. Isaías da Silva, 1960 a 1961. Após a partida deste irmão, foi chamado o Jovem Benjamim Schofield, que está presentemente dirigindo o trabalho.

Desejo ainda salientar, que a nossa Irmã Maria José da Rosa, professora da primeira hora, várias vezes trabalhou como obreira bíblica, e revezou no púlpito muitos dos nossos irmãos obreiros.

Foi na Ilha Brava, que se iniciou o trabalho em Cabo Verde, e é consolador saber que embora seja a Igreja mais velha, é ainda a que tem e conserva no seu seio, alguns pioneiros, que nem a morte, nem a apostasia conseguiram arrancá-los ao nosso convívio. Connosco estão ainda; Alfredo e Luísa Monteiro, André Camilo, Roque da Conceição e Carolina Gomes, irmã do grande pioneiro.

"As minhas ovelhas ouvem a minha voz..."

(Continuação da pág. 6)

amplo com uma família adventista que nos visitava. Observávamos-nos mutuamente. Eu ia à Igreja ao Domingo e eles iam à sua Igreja ao Sábado. Eles falavam da sua religião e da Bíblia. Mão invisível nos guiava e nos impelia a sucessivas conversas sobre a prática do Cristianismo. Evocando agora esses pequenos debates, revejo-me acalorada, a exprimir os meus argumentos, no paradoxal desejo de os vencer, eu, que tão cheia de descontentamento e de dúvidas andava havia anos! Um dos membros dessa família, senhora muito crente e com argumentos estruturados no conhecimento da Bíblia, teve a caridade de me oferecer uns folhetos explicativos da Bíblia, nomeadamente sobre a Lei de Deus. Comecei a lê-los, ciente de que não passariam de mera propaganda adventista para conquistar adeptos. Não tardei, porém, a verificar que ali apenas se falava da Bíblia — a Bíblia Universal, a Bíblia de qualquer religião cristã — com o intuito de a explicar e difundir e fazer respeitar! Como se um manancial de luz fora derramado sobre mim, eu vi em cada linha daqueles folhetos a explicação que procurava, a solução dos meus anelos espirituais. Quanto mais lia, mais luz se fazia no meu espírito. E, lendo e orando a Deus para que me abrisse o entendi-

mento, eu ia colocando no devido lugar cada peça daquele quebra-cabeças que me atormentara durante anos. Vivi momentos duma espiritualidade extraordinária, esquecida até dos meus tormentos materiais. E a paz interior veio e com ela o desejo de conhecer melhor o Adventismo. Pedi ao pastor da Igreja Adventista que me iniciasse. Eu queria conhecer, queria experimentar o novo caminho. Será necessário dizer que no meu espírito a religião católica tinha sido eclipsada? Restava, contudo, um vago sentimentalismo que me fez procurar um Padre a quem expus as minhas queixas contra a Igreja — já que agora não eram dúvidas apenas. E, confesso, desejei que ele tivesse podido combater-me! Mas, não o fez — não podia fazê-lo. Eu defendia a obediência à Bíblia, à Lei de Deus, salientando que o Senhor assim no-lo ensinava, enquanto o Padre sustentava que alguém na terra recebera o poder de alterar a Lei de Deus, concluindo, em última análise, que qualquer religião cristã está dentro do espírito de Deus.

Esta última entrevista com um membro autorizado da Igreja Católica Romana varreu por completo qualquer último apego a sentimentalismos. Foi com o coração limpo e tranquilo que entrei pela primeira vez na Igreja Adventista — desta

vez apenas como observadora, mas logo conquistada desde aquele primeiro Sábado, o Sábado santificado por Deus! Vi-me rodeada de irmãos com intentos iguais aos meus, conscientes, estudiosos. Tranquilizou-me a modéstia da Igreja; deu-me paz o estudo despretencioso das Escrituras; e encheram-me de alegria aquelas duas horas a ouvir falar — finalmente! — da Bíblia, com a sua Figura Central admirável — Nosso Senhor Jesus Cristo! Senti também, desde logo, que muito teria que aprender ali — mas esse era precisamente o meu maior desejo, e só para o poder realizar dava por bem sofridas todas aquelas angústias do passado.

Já não sou uma ovelha perdida nos montes... Eis que ouvi o Divino Pastor a chamar-me; e, correndo ao Seu encontro, só posso dizer-Lhe: — Aqui me tens, Senhor. «Aonde quer que fores, eu Te seguirei». O caminho é árduo, sim, mas não me põe obstáculos à obediência da Lei de Deus, antes ma oferece e explica. E hoje posso dizer: Bendito seja Deus que me ouviu a prece aflita — «Senhor, dá-me Luz e Paz para o meu espírito!».

Maria Manuela Martins Pereira
da Câmara

Nota — A autora deste artigo, Irmã Maria Manuela Martins Pereira da Câmara, baptizou-se na Igreja de Benguela, no dia 19 de Maio do ano corrente.

Há que salvar os indivíduos e com eles as nações, mas tal salvação não pode provir de nenhum remédio humano, mesmo de carácter religioso.

A nossa salvação, a salvação da humanidade está em Jesus, quando Ele vier, em glória, buscar os remidos.

Por isso, não há outra solução para o estado angustioso do mundo, senão o Segundo Advento do Salvador.

Ora vem, Senhor Jesus

(Continuação da pág. 7)

Eis o grande remédio, a solução radical. Com efeito, Jesus, quando voltar, restabelecerá a harmonia, a paz, a justiça, a felicidade eterna. Por isso, oremos e trabalhemos para apressar essa Volta gloriosa do Salvador que porá fim aos actuais sofrimentos da humanidade.

«E aconteceu depois de muitos

destes dias, morrendo o rei do Egipto, que os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão e clamaram; e o clamor subiu a Deus por causa da sua servidão. E atentou Deus para os filhos de Israel, e conheceu-os Deus.» (Êxodo 2:23-25).

(Continua na pág. 16)



O Director da União, Pastor Casaca presidindo ao culto do Sábado

«Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir, seria levada ao mundo todo» — E. White.

Esta frase inspirada e que podemos considerar histórica é um autêntico toque de clarim a reunir a nossa juventude em volta do seu Salvador e a voltar-lhe os olhos para a grandiosa obra de levar «a Mensagem do Advento a todo o mundo nesta geração».

Foram essas as ideias mestras que amalgamaram num só os sentimen-



Durante a homenagem ao Sr. Cordeiro, proprietário do terreno, onde funcionou o Acampamento

Candidatos ao baptismo, fazendo o exame público



O 10.º Acampa

tos e os desejos dos jovens que estiveram reunidos em Salir do Porto no Curso de Dirigentes M. V. e no 10.º Acampamento Nacional da Juventude Adventista Portuguesa.

Vindos de todas as igrejas da Conferência Portuguesa, e irmanados num mesmo ideal de amor a Deus e à Pátria, 130 jovens viveram intensamente durante 10 dias

de alegria de serem puros, bondosos e leais servos de Deus.

Primeiramente teve lugar, de 21 a 23 de Agosto, o Curso de Dirigentes M. V., em que tomaram parte 23 actuais ou futuros dirigentes dos M. V. Foram dois dias de proveitoso estudo durante os quais os jovens se debruçaram sobre os seguintes temas: Bíblia e História Denominacional, Reuniões Regulares e Sociais, Classes Progressivas e Técnica M. V., que lhes foram ministrados pelos irmãos V. Martinez, D. Vasco, J. M. Matos e pelo signatário. No fim do Curso tiveram lugar os exames para os quais todos os dirigentes se prepararam

amento do M.V.

com afincos e nos quais todos tiveram pleno êxito.

E chegou o dia 23. Pudemos apreciar a alegria dos jovens que, às dezenas, assomaram às janelas do comboio, no apeadeiro de Salir do Porto — A chegada ao Acampamento. Momento imaginado por muitos e ansiado por todos durante um ano inteiro. Descida do com-



Classe juvenil da Escola Sabatina



Grupo de esperançosos jovens que responderam ao apelo do Pastor Casaca, no culto de Sábado

amigo da fogueira ou o prazer de ver alguns bons filmes — são tudo motivos de encanto, sempre renovado, que quando se acaba nos faz ficar um pouco nostálgicos.

Os pontos altos do Acampamento foram, como sempre, as actividades de Sábado.

No primeiro Sábado, além do culto da manhã em que os jovens foram exortados a aceitar a Cristo e a libertarem-se da contaminação do mal pelo arrependimento e o novo nascimento, realizou-se, à tarde, uma interessante reunião de jovens dirigida pelo director das actividades dos menores, irmão J. M. Matos. Nela tivemos o prazer de ouvir jovens de todas as igrejas

boio: alguma confusão, mas muita alegria são, própria de jovens que se estimam, têm o mesmo ideal e vão conviver durante alguns dias. E depois é a vida do Acampamento que começa: a alvorada ao som de uma marcha transmitida pelos altifalantes, o toque do sino improvisado com uma picareta chamando para o hastear da bandeira, o hino de saudação a Deus e à Pátria, a meditação, o primeiro saciar de apetites estimulados pelo cheiro dos pinhais e pela brisa fresca da manhã, as actividades espirituais e das classes progressivas, o alegre banho nas mansas e límpidas águas da baía de S. Martinho e, à noite, o calor

Outra classe infantil





Aspecto das várias classes da Escola Sabatina

apresentando cânticos, poesias e diálogos que encheram uma bela hora.

Na sexta-feira, dia 31, à noite, os habitantes de Salir do Porto foram convidados a assistir a uma reunião que lhes foi especialmente dedicada, sob o tema «Os malefícios do tabaco», e que foi ilustrada com o filme «Um em vinte mil». Foi uma abençoada reunião em que estiveram presentes mais de 100 pessoas de fora.

O último Sábado do Acampamento foi o que mais recordações nos deixou. O culto foi dirigido pelo Presidente da União Portuguesa, Pastor A. Casaca, que, depois de ter dado algumas interes-



Durante a oração de consagração

Outro aspecto das várias classes da Escola Sabatina



santes notícias das Assembleias da Conferência Geral realizadas há pouco e a que assistiu, chamou a atenção dos jovens para a nossa bendita esperança: Jesus Cristo e a Sua próxima vinda: **Vitória final.** Em resposta ao vigoroso apelo que por fim dirigiu a todos os presentes, 27 jovens não baptizados decidiram entregar a sua vida a Jesus e algumas dezenas manifestaram o desejo de vir a trabalhar para o Mestre.

À tarde realizou-se a sempre interessante cerimónia da investidura das Classes Progressivas, durante a qual 55 jovens receberam os seus

distintivos. Foram além disso distribuídos prémios aos primeiros classificados do Curso de Dirigentes e aos componentes das tendas que demonstraram mais cuidado no seu arranjo e limpeza. Nessa reunião tivemos connosco o proprietário do terreno em que se realizou o Acampamento Ex.^{mo} Senhor Cardoso, a quem o Pastor Casaca ofereceu uma lembrança em nome da Igreja Adventista, exprimindo-lhe ao mesmo tempo a gratidão de todos os presentes pela sua gentileza em nos ceder o terreno.

Teve depois lugar a cerimónia baptismal de 10 pessoas, sendo 5

DORMINDO no SENHOR

Foi com dolorosa surpresa que nos chegou a infausta notícia do falecimento, em Lourenço Marques, da nossa Irmã D. Luz Juan Péris Lourinho, esposa do nosso prezado Irmão, Pastor Manuel Lourinho, Director das Missões de Moçambique.

Com 52 anos de idade, no dia 8 de Agosto, adormeceu, calmamente, no Senhor, como sempre vivera suave e discretamente, depois de surda e pertinaz doença que a nossa saudosa Irmã

jovens. Sem dúvida que foi um momento maravilhoso: a beleza do local, o significado do acto e a alegria serena dos baptizados calaram bem fundo em todos os presentes, impressionando de forma particular as muitas visitas que assistiram. Foi oficiante o Pastor A. Casaca. Antes da cerimónia do baptismo, um coro de jovens da Igreja de Lisboa, dirigido por Eunice Raposo, surgiu num barco a remos cantando um hino ao longo do rio, emprestando à reunião uma nota de suave poesia bíblica. Lembrámo-nos de que há 2 mil anos um barco levando Alguém, vogou assim nos lagos da Palestina.

E chegou o fim do Acampamento. Uma alegre reunião social em volta da fogueira e, depois, a debandada.

Algumas lágrimas, trocas de endereços, votos de felicidade, uma última saudação regida pelo Pastor Martinez e o comboio parte, pondo fim a um alegre convívio de 10 dias.

Agora, do Norte ao Sul, recorda-se cada momento que se viveu em Salir do Porto.

Que o Salvador do mundo e terno Pastor dos cordeirinhos do Seu rebanho torne ainda mais puros, bondosos e leais os jovens que participaram no Acampamento que acaba de findar.

Está no passado o Acampamento M. V. de 1962. Prezados jovens, preparai-vos para o próximo Acampamento!

SAMUEL RIBEIRO

sofia com a resignação de uma alma de elite.

Não lhe concedeu o Senhor a consolação de ter a seu lado os entes queridos que mais estremecia: o marido e a filha, a Menina Maria Manuela Péris Lourinho, que se encontra a estudar, no Helderberg College, na África do Sul. O Pastor Lourinho estava, também, a muitas milhas de distância, na América, aonde fora assistir às Assembleias da Conferência Geral.

Já quando recebeu o convite para assistir às Assembleias de São Francisco, o Pastor Lourinho pensara em recusar, pois não queria ausentar-se para tão longe, em vista do estado melindroso em que se encontrava a esposa.

Foi, porém, esta, que, repleta de fé, lhe pediu que aceitasse tão honroso



convite, não só pela importância daqueles trabalhos das Assembleias, como principalmente pelo que ali iria aprender para melhor trabalhar para apressar a Volta do Senhor Jesus. E o Pastor Lourinho partiu para a América com o coração alanceado; ainda lá recebeu um telegrama, que a esposa ditara, dizendo-lhe que se sentia bem: — queria, assim, tornar-lhe menos preocupante a ausência.

O Senhor, porém, não quis que se tornassem a ver neste pobre mundo!

Acompanhamos o nosso querido Amigo e Irmão na Fé, Pastor Lourinho, na sua dor, mas todos nós, com o pensamento de que a saudosa Irmã D. Luz Juan está plácidamente dormindo no Senhor, aguardando a gloriosa Vinda do Salvador, estreitemos as mãos e lancemo-nos, com maior denodo e entusiasmo ao trabalho para apressar aquela bendita hora em que à voz divina de Jesus despertaremos com os nossos queridos para vivermos na pátria dos remidos, para todo o sempre.

Reunião de Obreiros

Nos próximos dias 9 e 10 de Outubro realiza-se, em Lisboa, a Reunião de Obreiros.

Assistirão, como representantes da Divisão Sul-Europeia, os Pastores W. A. Wild e G. Cupertino, respectivamente, Secretário-Geral e Secretário da Associação Ministerial daquela nossa Divisão.

De Lisboa

Regressaram à Capital os jovens que tomaram parte no X Acampamento dos M. V. Vêm plenamente satisfeitos por aqueles felizes dias que tiveram a dita de passar no Acampamento, longe do bulício do mundo e num ambiente de sã e cordial camaradagem, mais perto de Deus, porque mais em contacto com a Natureza.

A todos dirigimos as nossas saudações muito afectuosas com os votos de que tenham apreciado, devidamente, aqueles abençoados dias.

Pastor Manuel Lourinho — De regresso dos Estados Unidos, aonde foi assistir às Assembleias da Conferência Geral, encontra-se, entre nós, o nosso prezado Irmão e considerado Amigo, Pastor Manuel Lourinho, Director das Missões Adventistas em Moçambique.

Muito impressionado com o súbito falecimento de sua esposa, o Pastor Lourinho tenciona passar alguns dias em Portalegre, sua terra natal, antes de regressar ao seu vasto campo de trabalho.

Pastor Haberey — Vindo da Suíça, chegou a Lisboa o estimado Irmão, Pastor Haberey, velho amigo de Portugal, que mais uma vez, vem no desempenho das suas funções, da parte da Divisão Sul-Europeia.

Daqui lhe endereçamos os nossos mais cordiais cumprimentos, pedindo a Deus que continue aabençoar o seu trabalho.

Maria Rosa Baptista — De regresso da Inglaterra, onde frequentou o Newbold College, retomou as suas actividades nos escritórios da União a nossa prezada Irmã, Maria Rosa Baptista, a quem apresentamos as nossas saudações.

Pastores A. Casaca e Brito Ribeiro — A REVISTA ADVENTISTA saúda os seus prezados Director e Editor, no seu regresso das Assembleias da Conferência Geral, onde tomaram parte como representantes da União Portuguesa.

Mensagem da Conferência Geral na Sessão de S. Francisco

(Continuação da pág. 1)

podemos designar pelo último tempo de paz que haveremos de conhecer nesta terra, e a nossa última oportunidade para completarmos a Sua obra. Esforcemo-nos, portanto, Irmãos, para realizarmos o nosso trabalho, aproveitando o tempo, que ainda nos é concedido.

Acabou-se o tempo da dúvida. Nada há mais evidente do que este facto: o próprio Deus está a dirigir este movimento, desde há um século, até os nossos dias.

Tudo aquilo que nos rodeia — o que acontece entre as nações e a expansão da igreja — tudo nos mostra e nos declara, não só a nós, crentes, mas a toda a humanidade, que o fim está próximo e que «Vinda é a hora do juízo». Não temos seguido fábulas enganadoras, mas sim a verdade do Deus vivo. Confessemos e acarinhemos as grandes verdades da Mensagem, apregoando-as jubilosa e fortemente, nunca esmorecendo na nossa confiança mas proclamando a nossa fé e a nossa esperança com a mais gloriosa das certezas.

No auge desta grande Assembleia os delegados de toda a Igreja — todos como um só homem — estamos de pé, perante Deus em silente consagração a Ele e à Sua Causa, suplicando-Lhe que nos conceda a todos os Seus filhos o poder eficaz e unificador do Espírito Santo.

Nós vos convidamos, prezados Irmãos, a unir-de-vos connosco nesta solene consagração. Onde quer que estejais, neste momento, recolhamo-nos em oração e digamos: «Também me entrego a Ti, meu bom Deus e Senhor, nesta hora solene. Usa-me conforme for a Tua divina vontade. Toca o meu coração com a chama viva do altar. Abra-me no teu amor!»

Perante nós, no próximo quadriénio, assentam os maiores empreendimentos da igreja. Deus

aguarda para nos abençoar muito para lá dos nossos maiores planos.

Que todo o povo de Deus esteja pronto, por toda a parte para avançar com Ele, e que as nossas vidas sejam verdadeiros canais, por onde o Senhor, mediante o Seu Espírito Santo, possa abençoar ricamente toda a humanidade.

Ponhamos de parte tudo aquilo que puder impedir o trabalho de Deus em nós, nas nossas vidas, tal como — o egoísmo e a presunção, a vanglória, todos os pensamentos desumanos e a crítica demolidora e cruel.

Deixemo-nos congregar nos verdadeiros sentimentos de amor fraternal e de simpatia, estimando humildemente o nosso próximo acima de nós mesmos e apoiando as nossas funções directivas na oração, unidos sempre no espírito de compreensão e auxílio para ajudar a todos no desempenho das suas obrigações.

Que nós possamos ser um verdadeiro povo cristão, de modo que cada um de nós se esforce, todos os dias, por se aproximar do Mestre, murmurando constantemente: «Que a beleza de Jesus possa ser vista em mim».

É esta uma hora de grandeza. Grande visão. Grande reconhecimento. Grandes planos. Grande devoção. Grande diligência. Que Deus nos faça dignos de Si e da sublime obra que nos destinou. Sigamo-!-O, pois sabemos que nos conduzirá de vitória em vitória na unidade e no amor.

Reinterando-vos todo o nosso afecto e a promessa das nossas orações, somos

Vossos irmãos e irmãs na fé do Advento

OS DELEGADOS REUNIDOS
NA ASSEMBLEIA DA CONFERÊNCIA GERAL

Ora vem, Senhor Jesus

(Continuação da pág. 11)

No Egipto, Israel conheceu dois grandes opressores: Tutmés III e o filho Amenhotep II. Mas Israel, como um só homem, clamou a Deus a sua angústia e aflicção e Deus libertou o seu povo. O exemplo é, precisamente, para nós. Disse Jesus: «Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será

feito por meu Pai, que está nos céus.» (Mateus 18:19).

Todos os Adventistas somos unânimes em pedir a Volta do Salvador. Não irá Ele ouvir as nossas súplicas?

Lembre-mo-nos de que estamos nos últimos tempos, em que Satanás redobra os seus furiosos ataques.

«Hoje, em que a iniquidade abunda por toda a parte, podemos

estar certos de que a grande crise final está próxima. Quando o desprezo pela Lei de Deus for quase universal, quando os seus filhos forem oprimidos, então Deus INTERVIRÁ.» (Paraboles, p. 175, 176).

Oremos, pois, unânimesmente: «Ora vem, Senhor Jesus».

Assim provaremos que somos Adventistas, que amamos o Salvador e que suspiramos pela sua gloriosa Volta.

«ORA VEM, SENHOR JESUS».